

**NARRATIVAS DAS FEMINISTAS NEGRAS EM PÁGINAS DA INTERNET:
UM ENSAIO DE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**LARISSA VIEGAS DE MELLO FREITAS¹

Neste ensaio investigo o blog *Blogueiras Negras*, através da análise das narrativas ali publicadas. Esse blog é adepto de uma corrente do feminismo chamada Feminismo Negro Interseccional, que defende maior destaque para as demandas específicas mulheres negras. Está amparado por teorias diversas, abarcando noções de feminismo, espaço virtual, movimentos sociais, empoderamento de gênero, tempo e narrativa, interseccionalidade, teorias pós-coloniais, decoloniais, dentre outras. Utilizarei a perspectiva da História do Tempo Presente, pois me interessa elucidar que todas essas discussões, embora recentes, possuem historicidade e, portanto, podem ser pesquisadas sob um viés historiográfico, através de metodologias e suportes teóricos específicos das teorias que envolvem os estudos da disciplina da história. Assim, as manifestações dessa corrente do feminismo e suas possibilidades serão investigadas e analisadas como uma alternativa atual para uma histórica militância feminista.

Estou expondo aqui um recorte da minha pesquisa de doutorado que está em andamento, cuja temática central discorre sobre as narrativas do feminismo na internet no tempo presente. Pretendo iniciar uma reflexão sobre as feministas que publicam no blog *Blogueiras Negras*. Esse blog surgiu em 2012, e nele estão contidas variadas narrativas de militantes de uma corrente do feminismo chamada Feminismo Negro Interseccional.² Essa abordagem tem como foco principal propor debates e alternativas de transformação das desigualdades e opressões que atingem mulheres, através de reflexões em torno das categorias raça e interseccionalidade.

As discussões sobre raça e interseccionalidade dentro do feminismo vêm ocorrendo desde fins dos anos 1970, tendo crescido paulatinamente nas décadas

¹ Mestra em História pela UFSC, em 2014. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC, orientada pela professora Dra. Marlene de Fáveri. E-mail: laryfreitas@hotmail.com. Bolsista Capes.

² O feminismo interseccional possui a proposta de ser contra-hegemonico, antirracista, não eurocentrado, subalterno, das margens e que evidencia intersecções entre opressões de raça, classe, sexualidade, geração etc. O conceito de interseccionalidade permite capturar os aspectos estruturais e dinâmicos da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. A esse respeito ver Crenshaw, 1989 e 2002.

seguintes. Ou seja, há uma relação nítida entre dois momentos da história do feminismo que está presente neste blog e que pode ser analisada para possibilitar uma compreensão maior sobre os objetivos e rumos do feminismo no Brasil atualmente. Portanto, a pergunta que rege essa reflexão é: seria possível explorar as relações entre esses dois momentos da história do feminismo através das publicações de um blog? Para buscar uma resposta recorro a um historiador formador de uma categoria de análise capaz de produzir um elo importante entre os tempos históricos (passado, presente e futuro): Reinhart Koselleck.

Koselleck (2003) nos ajuda a pensar sobre essa questão a partir de suas reflexões sobre o que chamou de “estratos do tempo”, entendendo que numa narrativa elaborada no presente podem estar contidas camadas de histórias e de experiências passadas que nos ajudam a compreender de forma mais aprofundada o tempo em que vivemos. R. Koselleck trata a experiência³ humana como sendo o “passado presente”, neste sentido, haveria no presente várias camadas de tempos passados, em outras palavras, estratos do tempo. Os estratos do tempo são, em suma, uma metáfora geológica que caracteriza os tempos históricos como uma série de estratos que se entrelaçam, mas que não são completamente dependentes um dos outros. Esses estratos são caracterizados por estruturas de repetição e singularidade. Nas palavras do autor (2014, p. 09), “[...] os estratos de tempo também remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente.” O historiador ainda pondera que “[...] graças aos “estratos de tempo” podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo [...]” (KOSELLECK, 2014, p. 09). Deste modo, será por meio das noções de estratos de tempo, feminismo interseccional e raça que a presente reflexão será desenvolvida.

O Blogueiras Negras é composto por militantes de várias partes do país e, à diferença de outras páginas feministas da internet, possui a característica de que somente podem publicar em seu espaço virtual mulheres feministas que sejam negras. O

³ O uso da noção de experiência é aqui considerada de acordo com Koselleck e J. Scott. Ambos compreendem a experiência como uma construção histórica. Esse entendimento permite não tomá-la como autoevidente ou de forma essencialista, mas sim a compreendendo a partir da história, de como a experiência constrói os sujeitos. Nos Dizeres de Scott, “[...] experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada. A explicação histórica não pode, portanto separar as duas” (SCOTT, 1999, p. 16). A experiência, segundo Koselleck (2006, p. 309) é “o passado atual, no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”. Na experiência estão entrelaçadas tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento que não estão mais ou não precisam mais estar presentes no conhecimento. A experiência é transmitida por gerações e pelas instituições, sendo mantidas ou criadas por elas. Nessa perspectiva leva-se em conta também a presença de experiências alheias.

objetivo é dar visibilidade para sujeitas que são compreendidas como apagadas pelo feminismo considerado hegemônico (majoritariamente composto por mulheres brancas e de classe média). Nos dizeres de uma das coordenadoras, Charô Nunes:

Somos mulheres negras e afrodescendentes. Blogueiras com histórias de vida e campos de interesse diversos; reunidas em torno das questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Sujeitas de nossa própria história e de nossa própria escrita, ferramenta de luta e resistência. Viemos contar nossas histórias, exercício que nos é continuamente negado numa sociedade estruturalmente discriminatória e desigual.⁴

São ali discutidos temas variados, como violência de gênero, racismo, identidade, resistência, direitos sociais, reprodutivos etc. Todas essas categorias são analisadas sob o prisma da categoria raça. Isso ocorre, pois as idealizadoras do blog entendem que há demandas e especificidades das mulheres negras que não são levadas em conta pelas diversas vertentes do feminismo. Por exemplo, o fato de a violência contra as mulheres incidir em números muito maiores sobre as mulheres negras. Esse é um fato que precisa ser problematizado pelo movimento feminista e pela sociedade como um todo, mas é, de modo geral, invisibilizado – o que acaba eclipsando as possibilidades de mudança dessa situação. Eis os argumentos centrais para a existência desse blog.

Como mencionado anteriormente, praticamente todas as escritoras do Blogueiras Negras se autodenominam feministas interseccionais. Os debates sobre interseccionalidade vêm ocorrendo desde meados dos anos 1970 e 1980 e se associam a propostas que visam “enegrecer o feminismo”⁵. Ambas têm crescido e ganhado destaque nas últimas três décadas. Esse termo “enegrecer o feminismo” é uma crítica a um tipo de feminismo branco, heterossexual, acadêmico, de classe média que vem sendo denunciado desde longa data pela corrente interseccional.

O termo interseccionalidade foi cunhado pela advogada feminista e professora de direito Kimberlé W. Crenshaw, no artigo escrito em 1989, chamado “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”.⁶ Embora a autora reconheça que essa categoria já fosse trabalhada antes por coletivos de mulheres negras

⁴ NUNES. Charô. **Quem Somos**. Publicação da página virtual Blogueiras Negras, disponível em: < <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>>. Acesso em setembro de 2016.

⁵ A categoria raça é compreendida aqui e pelas blogueiras como uma construção sócio-cultural. Por isso, entende-se que se o feminismo tem sido majoritariamente branco, pode ser reconstruído de forma ser mais diverso e inclusivo, portanto, pode ser enegrecido.

⁶ Tradução Livre: Desmarginalizando a interseção de raça e sexo: Uma crítica feminista negra da doutrina da antidiscriminação. Teoria Feminista e Política Antirracista.

dos Estados Unidos, ainda não existia um nome que fosse comum nessas análises. Por isso Kimberlé considerava importante registrar oficialmente a importância da interseccionalidade e o que representava para as lutas das mulheres negras naquele período.

Crenshaw (1989) postulou que com a interseccionalidade era possível pensar como as opressões eram entrecruzadas e operavam de forma combinada. Ou seja, não era possível pensar de forma isolada as opressões pelas quais as mulheres – sobretudo as mulheres negras – passavam. Categorias como raça, gênero, classe, geração, orientação sexual, por exemplo atingiam de forma simultânea a várias mulheres. E por isso precisavam ser pensadas conjuntamente e não de forma isolada, como muitas vezes ocorria.

O artigo de Crenshaw (1989) foi sendo gradativamente lido e conhecido em várias partes dos Estados Unidos e da América Latina, circulou entre meios acadêmicos e movimentos sociais diversos, sendo debatido em vários grupos de discussão feministas (WERNECK, 2014). Ao longo das décadas de 1990 e 2000 várias teóricas feministas norte-americanas começaram a se apropriar do conceito de interseccionalidade. No Brasil essa proposta de análise das opressões de forma interseccional foi muito bem aceita por mulheres militantes de coletivos de mulheres negras. Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, por exemplo, são duas importantes referências desses assuntos no país. Ambas escreveram sobre as intersecções das opressões de raça e sexo/gênero (BARROS, 2000).

Essas autoras são constantemente citadas em publicações do Blogueiras Negras quando discorrem sobre interseccionalidade. Há nesse blog em torno de cinquenta publicações que desde 2012 vêm lançando o debate sobre a importância do tema do feminismo negro e da interseccionalidade. Destaco aqui alguns trechos:

Nos EUA, as mulheres negras começaram a denunciar a invisibilidade dentro do movimento feminista, na década de 70. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no final desta década, começo da de 80. O I Encontro Feminista, de 1985, que aconteceu em Bertiooga foi um marco da luta das mulheres negras como sujeitos políticos. Atualmente, fala-se mais da necessidade de um feminismo interseccional que dê conta das várias especificidades de ser mulher. O discurso universal vem sendo combatido com mais força, porque seria excludente no sentido de que as opressões se dão de modos diferentes. Uma mulher branca de classe média não sofre o mesmo que uma mulher negra pobre.⁷

⁷ RIBEIRO, Djamila. **Racismo e silenciamento das mulheres negras em espaços de militância.** Publicação da página virtual Blogueiras Negras, em 11 de dezembro de 2013. Disponível em: <

Esse reconhecimento da importância da interseccionalidade pelas Blogueiras Negras aparece atualmente como algo que precisa urgentemente ser pensado pelo feminismo brasileiro, que em variados momentos ainda tende a universalizar a categoria mulheres. Porém, se essa importância já tem sido discutida há pelo menos três décadas no Brasil, ainda assim, muitos coletivos feministas, acadêmicos ou não, ainda não possuem familiaridade com a proposta. O termo interseccionalidade põe em relevo a diversidade das identidades e experiências das mulheres ao considerar a articulação entre vários eixos identitários, como ser mulher negra e pobre, tal qual exposto por Djamila Ribeiro em sua publicação de 2013, ao qual o trecho acima foi extraído. Esses eixos identitários e categorias de opressão também participam de discursos e práticas sociais que sustentam desigualdades, exclusões e violências que acometem muitas mulheres em nossa sociedade.

Essa constatação apareceu com as demandas do feminismo de segunda onda dos anos 1970 e 1980 e ainda ecoa nas narrativas desse blog. Crenshaw (2002) ajuda a entender a atualidade desse conceito ao observar que os aspectos raciais da discriminação de gênero ainda não são totalmente abordados nos discursos sobre direitos humanos, ao qual o feminismo se insere. Ainda Segundo Crenshaw (2002), a partir desse conceito podemos pensar sobre a forma pela qual o cruzamento do racismo, o sexismo e a homofobia, por exemplo, cria desigualdades que posicionam social e politicamente alguns grupos.

Outro exemplo desses diálogos entre gerações do feminismo negro e dos estratos do tempo que existem na proposta interseccional do Blogueiras Negras está na publicação de Patricia Anunciada, em uma postagem de 2015 no blog:

[...] O Feminismo Interseccional é de extrema relevância atualmente porque auxilia na organização das pautas das mulheres negras levando em consideração as suas reais necessidades, já que elas sofrem uma tripla opressão: racismo, machismo e preconceito de classe social. Sabemos que as opressões a que as mulheres negras são submetidas vão muito além de seu gênero, pois além do machismo enfrentam o racismo, uma forma de opressão extremamente violenta, mas que é velada em nossa sociedade e nos atinge de forma não só a minar nossa autoestima, nos levando a rejeitar nossos corpos, mas impondo barreiras à nossa presença em espaços de poder. [...] O surgimento do Feminismo Interseccional tem como algumas de suas principais

figuras as estudiosas Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde e Bell Hooks. No Brasil, é importante destacar a figura de Lélia Gonzales.⁸

É notável essa demarcação da importância da interseccionalidade na narrativa de Patrícia. Sua fala é um entre vários outros exemplos de postagens sobre esse tema que está presente no Blogueiras negras. Nos nomes citados, o da brasileira Lélia Gonzales é importante destacar que ela foi uma antropóloga, professora e uma das editoras do periódico *Mulherio* – jornal feminista que esteve em circulação nos anos 1980 (CARNEIRO, 2003). Nesse lugar de editora, Lélia muitas vezes questionou o fato de ser a única feminista negra ali presente. Ela, junto a muitas mulheres negras de coletivos variados questionava a invisibilidade das demandas das mulheres negras dentro do feminismo brasileiro já nos anos 1970 e 1980. Ou seja, esse é outro exemplo de como essa crítica de 2015 possui relações muito próximas com as demandas das décadas passadas. No trecho que segue isso também é perceptível:

Estamos. Somos. RESISTIMOS⁹. Somos mulheres negras. Você ainda não nos viu? Pois é! Muitas vezes vocês não nós veem. Mas somos nós quem sentimos e vivenciamos essas experiências. Nós somos o verdadeiro “nó” interseccional do qual falou Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, dentre tantas outras mulheres negras que não falam, mas sim, gritam nesses silêncio colossal e secular que é a situação da mulher negra na sociedade dos países terceiro mundistas.

Mas veja! Quando tirar as vendas... Não se esqueça dos espaços que vimos conquistando. Nossos passos vêm de longe. Liderando quilombos como Teresa de Benguela, Dandara e Acotirene. Lideramos grupos e organizamos revoltas como Luiza Mahim, Anastacia. Fomos mulheres como Chica da Silva. Atuamos em espaços de disputas sindicais como Laudelina de Campos Melo. Fomos e somos poetisas e escritoras como Maria Carolina de Jesus. Fomos e somos acadêmicas e intelectuais negras como Beatriz Nascimento. Somos Lélia Gonzales, Teresa Santos, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Stephanie Ribeiro e tantas outras mulheres negras que “são” e “estão” todos os dias em embates, somos Marias, Sônia e Gloria. Somos Mulheres. [...] Somos Negras todos os dias em confronto, todos os dias num enfretamento cotidiano, fazendo feminismo na prática, criando “Safe space” espaços seguros como disse Patricia Hill Collins.¹⁰

⁸ ANUNCIADA, Patrícia. **Feminismo interseccional um conceito em construção**. Publicação da página virtual Blogueiras Negras, em 29 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/>>. Acesso em setembro de 2016.

⁹ Destaque da autora da publicação.

¹⁰ SANTOS, Tais Evandra de Carvalho Teles dos. **Onde estão as mulheres negras?** Publicação da página virtual Blogueiras Negras, em 24 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/11/24/onde-estao-as-mulheres-negras-2/>>. Acesso em setembro de 2016.

Tanto para Crenshaw quanto para as Blogueiras Negras a mensagem que querem passar é muito semelhante: é urgente que se perceba as várias formas pelas quais o gênero intersecta-se com um conjunto de outras identidades e a maneira como essas interseções contribuem para a vulnerabilidade de diferentes grupos de mulheres. Essas blogueiras são produtoras e leitoras dos conteúdos publicados. Muitas delas são pós-graduadas ou pós-graduandas e dialogam transnacionalmente por meio desse blog. De acordo com Koselleck (2006, p. 107) é importante “[...] perguntar que camadas de significado persistem, são traduzíveis e podem ser aplicadas de novo; que linhas de significado são descartáveis; e que camadas novas são acrescentadas.” Nestes trechos expostos anteriormente as reivindicações de décadas passadas e as do tempo presente agregam conteúdos similares que culminaram nas narrativas expostas. O passado e o presente estão em diálogo e a atualidade do conceito de interseccionalidade é aparente exatamente porque muitas demandas antigas ainda não foram alcançadas.

Nesse último trecho é possível perceber também que muito embora o feminismo, de um modo geral, seja um movimento social plural, uma teoria filosófica libertária, uma proposta de busca por igualdade, internamente possui discriminações e desigualdades que muitas vezes não são levadas em conta. São exatamente essas desigualdades e invisibilidades que o a proposta de um feminismo interseccional preconiza. Apesar de esforços que vêm sendo feitos há pelo menos duas décadas, o conceito de interseccionalidade não se expandiu muito além das discussões dos círculos das mulheres negras. O feminismo debatido nos meios acadêmicos brasileiros não desenvolveu muitas análises sobre a importância desse tema. A demanda do feminismo negro interseccional ainda é pequena (MOUTINHO, 2014). Por isso a insistência em problematizar isso no blog Blogueiras Negras.

As autoras das publicações que estão presentes no Blogueiras Negras são produtoras e produtos de um tempo. Nesses termos, suas narrativas incorporam camadas de experiências passadas que trazem sentido ao que vivenciam atualmente. Ainda que esses trechos sejam pequenas amostragens das publicações das Blogueiras Negras, já servem para demonstrar esse intercâmbio, diálogo, ou correlação constante que existe entre passado e presente nessas narrativas feministas, e que podem ser compreendidas sob o viés da categoria estratos do tempo.

Nas novas configurações/negociações do feminismo há diálogos com o passado que produzem ressonâncias tanto de opressões históricas como das propostas para superá-las. Os trechos destacados ao longo desta análise demonstraram a interação entre

camadas intercambiantes de experiências, ou seja, os estratos do tempo que estão presentes nas narrativas dessas blogueiras. Isso possibilita a percepção de que os racismos se atualizam, conforme o contexto histórico, para continuar operando; e como se constituem os processos de opressão a partir das diferenças étnico/raciais.

A proposta deste ensaio foi uma tentativa de colocar em evidência a importância da história de uma corrente do feminismo que tem sido de modo geral desconsiderada. Ainda que isso não ocorra de forma proposital, é importante que se perceba que essa invisibilidade corresponde a um tipo de opressão dentro de um movimento social que prega a luta contra opressões e desigualdades variadas, e que podem ser pensadas de forma interseccional. Essa contradição interna do feminismo brasileiro precisa ser problematizada, debatida por todos os coletivos feministas, por todas as variadas correntes do feminismo. O movimento feminista só teria a ganhar com essa inclusão.

As possibilidades que a internet tem trazido para as lutas históricas do feminismo são múltiplas e estão conscientizando, aproximando e ajudando em muitos avanços nos debates para a melhoria das condições de opressões sobre inúmeras mulheres de vários lugares do país. Porém, as limitações do feminismo na internet existem e precisam ser problematizadas. Uma dessas limitações diz respeito à exclusão do debate da corrente do feminismo interseccional, e por extensão a exclusão das feministas negras. Com o destaque a essa exclusão/limitação busquei lançar questionamentos, por um lado, sobre a importância da ‘desuniversalização’ do sujeito mulher/mulheres pelo movimento feminista, e por outro, procurei expor as propostas do feminismo interseccional – que já existem há pelo menos quatro décadas – demonstrando sua relevância e o quanto elas precisam ser incluídas amplamente nas pautas feministas de um modo geral, sobretudo se quisermos uma libertação efetiva de todas as mulheres e não somente de um grupo hegemônico.

REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. "Lembrando Lelia Gonzalez". In. WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro, Criola/Pallas, 2000.

BRAH, Avtar. **Diferença, Diversidade, Diferenciação**. Cadernos Pagu (26), Janeiro-Junho de 2006: pp.329-376.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Tese (doutorado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 agosto de 2016.

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Ashoka empreendedores Sociais e Takano Cidadania**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro, Takano Ed., 2003a.

CRENSHAW, Kimberlé. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics," University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em julho de 2016

_____. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 171-188, Florianópolis, jan. 2002.

CAMARGO, L.C.; BURGOS, M.; AGUIAR, R.P. **Metodologias de pesquisa de blogs de política – análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento “cansei”**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 34, p. 159-181, out 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. RJ: Contraponto, 2014.

_____. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Puc/Rio: 2006.

_____. Uma resposta aos comentários sobre o *Geschichtliche Grundbegriffe*. In: JASMIN, Marcelo; FERES JUNIOR, João. **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Ed. Loyola; IUPERJ, 2006, p. 97-109.

LEMONS, A. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre, Sulina, 2002, segunda edição, 2004.

_____. *Ciber-cultura-remix*. In: Araújo, Denize Correa (org.). **Imagem(Ir) realidade: comunicação e cibermídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 52-65. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>. Acesso em julho de 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

_____. **A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cad. Pagu** [online]. 2014, n.42 [cited 2016-08-07], pp.201-248. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php...>>. Acesso em julho de 2016.

NEGRÃO, Telia. **Ciberespaço, via de empoderamento de gênero e formação de capital social**. 2006. 127f. Tese (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista educação e realidade**. Porto Alegre, nº 16, jul-dez, 1990.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016. p. 1-23.

WERNECK, Jurema. Intersecções de raça, etnia, gênero e classe: faces cotidianas e teóricas. In: Assis, G; MINELLI, L S.; FUNK, S. B. (orgs). **Entrelugares e mobilidades: Desafios feministas**. Tubarão, SC: Copiart, 2014. p. 319-328.

FONTES UTILIZADAS:

<http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: Julho de 2016.

<http://blogueirasnegras.org/2013/12/11/racismo-silenciamento-mulheres-negras-espacos-militancia/>. Acesso em: setembro de 2016.

<http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/>. Acesso em: setembro de 2016.

<http://blogueirasnegras.org/2015/11/24/onde-estao-as-mulheres-negras-2/>. Acesso em: setembro de 2016.